

# **QUIROCRACIA TOTAL AGORA!**

**TOTALITERIANISMO ROSA E A INDUSTRIALIZAÇÃO  
DA AGRICULTURA LIBIDINAL**

**Por Camarada Josephine ( incorporada por Luce DeLiRE )**

**Tradução: Trans-Imperatrix  
Agnes de Oliveira**





# MATE O CIS DENTRO DE VOCÊ



COLETIVA AUTÔNOMA E  
TRANS/VERSALIDADE

A CAT é uma coletiva autonomista, que preza pela horizontalidade, democracia direta, desde uma perspectiva anti-capitalista, anti-racista e cuir.

Instagram: @cat.usp



Quilombo Invisível

O Quilombo invisível é um site coletivo, uma ferramenta de discussão com independência de classe, anti capitalista, anti racista e anti cispatriarcal. Caso queira nos conhecer melhor, enviar textos ou participar, entre em contato por:

Site: <https://quilomboinvisivel.com/>

Facebook: <https://www.facebook.com/QuilomboInvisivel>

Instagram: [https://www.instagram.com/quilombo\\_invisivel/](https://www.instagram.com/quilombo_invisivel/)

E-mail: [quilomboinvisivel@protonmail.com](mailto:quilomboinvisivel@protonmail.com)

A arte que ilustra a capa é de Alyk Blue - @alykblue

2023

# CUIROCRACIA TOTAL AGORA! TOTALITERIANISMO ROSA E A INDUSTRIALIZAÇÃO DA AGRICULTURA LIBIDINAL

Camarada Josephine (incorporada por Luce deLire)

Novas ideias e teorias sociais surgem precisamente porque são necessárias à sociedade... Surgindo das novas tarefas impostas pelo desenvolvimento da vida material da sociedade, as novas ideias e teorias sociais forçam seu caminho, tornam-se posse das massas, mobilizam e as organizam contra as forças moribundas da sociedade, e assim facilita a derrubada dessas forças, que dificultam o desenvolvimento da vida material da sociedade.<sup>1</sup>

“Uma onda de ansiedades conservadoras sobre o autoritarismo rastejante” galvaniza a direita.<sup>2</sup> “A crueldade e a intolerância ... da esquerda ... assusta [os].”<sup>3</sup> Eles suspeitam de uma conspiração.<sup>4</sup> Eles estão certos. O Totaliterianismo Rosa é essa conspiração.<sup>5</sup>

## POR QUE “TOTALITERIANISMO”?

No discurso atual, “totalitarismo” é apenas uma calúnia – uma calúnia da qual devemos nos apropriar como “queer” ou “faggot”

---

<sup>1</sup> Josef Stalin, **Dialectical and Historical Materialism** (Mass Publications, 1975), 19.

<sup>2</sup> Ross Douthat, **Where Liberal Power Lies: And Why Conservatives Fear the Creep of Authoritarianism, Too**, New York Times, October 17, 2020

<sup>3</sup> Rod Dreher, **Douthat On The Pink Police State**, The American Conservative, October 17, 2020

<sup>4</sup> Para contexto, ver Patrick Love e Alisha Karabinus, **Creation of an Alt-Left Boogeyman: Information Circulation and the Emergence of ‘Antifa**, in *Platforms, Protests, and the Challenge of Networked Democracy*, ed. John Jones e Michael Trice (Springer 2020. Para exemplo fora dos EUA, ver Jens Jessen, **Der bedrohte Mann**, Die Zeit, April 4, 2018; e Margarete Stokowski, **“Totalitärer Feminismus” Der Reichsbürger der #MeToo-Bewegung**, Spiegel Kultu

<sup>5</sup> “A teoria da repetição histórica de Marx ... gira em torno do seguinte princípio, que não parece ter sido suficientemente compreendidos pelos historiadores: a repetição, em história, não é uma analogia ou um conceito da reflexão do historiador, mas, primeiramente, uma condição da própria ação histórica”. Gilles Deleuze, **Difference and Repetition**, trans. Paul Patton (1968; Continuum, 1994, 91). Es agentes históricos necessariamente repetem o que sabem. A repetição pode não conseguir imitar seu modelo – então ela se transforma numa farça. Ela pode ter sucesso e tornar-se a continuação de uma tradição – então ela se torna conservadora. Mas algumas vezes a repetição produz algo inédito – então se transforma no futuro. Esse futuro está adormecido no passado – como um contraparadigma (N.A.). Na presente tradução do trecho de Diferença e Repetição, optamos pela tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado (N.T.)

ou “kanake”.<sup>6</sup> A construção do totalitarismo no Ocidente constrói, inversamente, uma imagem falha de “justiça”. Ela sanciona a dominação e o controle. Supostamente, o que eles nos fazem chamar de “imperialismos ocidentais” – imperialismos capitalistas liberais e neoliberais – são as únicas alternativas para um inimigo indescritível cuja natureza sinistra supostamente é óbvia.

Esse inimigo é o totalitarismo. Ele tem duas faces e dois nomes próprios. Por um lado, existe o totalitarismo fascista da guerra e da violência. Seu nome próprio é *Auschwitz*. Mas “o discurso fascista permanece sofisticado, porque declara explicitamente processar as reivindicações de uma certa raça ou de um certo estado contra outras raças ou estados”.<sup>7</sup> O totalitarismo fascista nunca é total o *suficiente*.<sup>8</sup> Por outro lado, há o totalitarismo comunista de coletivização e controle. Seu nome próprio é *Stalin*.<sup>9</sup> “Stalin” funciona como a personificação dos perigos do governo de esquerda – ele representa a opressão, a violência psicótica, o assassinato em massa e a alegada racionalidade de um pânico rosa.

No entanto, “o [mestre imperial] constrói a si mesmo enquanto constrói o [inimigo]”.<sup>10</sup> **O capitalismo neoliberal é em si um *totalitarismo negativo***: impõe a regra universal da liberdade negativa, entendida como isenção de interferência externa. Pois a

---

<sup>6</sup> O “nós” neste texto é indexical. Assim como “eu” se refere ao falante (que muda em qualquer contexto), este “nós” se refere à comunidade dos envolvidos no pensamento e na frase em questão. Efetivamente, isso significa que você, care leitor, cria o nós ao lê-lo. O termo “nós” não tem um significado além disso.

<sup>7</sup> Boris Groys, *The Communist Postscript*, trans. Thomas H. Ford (Verso, 2009), 30.

<sup>8</sup> Para uma análise das intersecções entre queeridade e fascismo histórico, ver Jack Halberstam, *The Queer Art of Failure* (Duke University Press 2011), 147.

<sup>9</sup> Para uma introdução à análise histórica contemporânea de Stalin e do stalinismo, ver Kevin McDermott, *Stalin and Stalinism*, em *The Oxford Handbook of the History of Communism*, ed. Stephen S. Smith (Oxford University Press, 2014). Veja também Stephen Kotkin, *Stalin: Waiting for Hitler 1929–1941* (Penguin, 2017).

<sup>10</sup> Gayatri Chakravorty Spivak, *Critique of Postcolonial Reason: A History of the Vanishing Present* (Harvard University Press, 1999), 203.

propriedade é a realização da liberdade negativa em um objeto (como uma coleção de batons) de cujo uso podemos excluir todos à nossa vontade.<sup>11</sup> A mercantilização universal é o projeto final do capitalismo neoliberal. A liberdade negativa é o paradigma sobre o qual ele é construído e a chave para entendê-lo. Sua lei universal é o direito à propriedade como manifestação da liberdade negativa, estendida a tudo – incluindo pensamentos, sentimentos, corpos e a substituição de todas as relações sociais por relações mercantis. A questão não é “totalitarismo ou não?” A questão é “qual totalitarismo?”

## POR QUE ODIAMOS O CAPITALISMO?

Odamos o capitalismo, porque ele produz sistematicamente a miséria, porque a opressão percorre todas as suas capilaridades.<sup>12</sup> Na lógica da propriedade e sua configuração ideológica mora a inevitabilidade do *roubo*. Pois toda invenção produz seu próprio acidente.<sup>13</sup> E com minha capacidade de exercer a liberdade negativa sobre um determinado objeto vem a possibilidade de *outra pessoa* exercer sua liberdade negativa sobre esse mesmo objeto, minha propriedade. **A lógica da propriedade implica a possibilidade do roubo.** Sempre que alguém possui algo, outra pessoa pode tirar isso delu. Nesse sentido, *propriedade é roubo*.<sup>14</sup> E enquanto houver capitalismo,

---

<sup>11</sup> Para mais sobre isso, ver Luce deLire, **Towards a Critique of Pure Treason**, Invertigo TV Live Stream, Qalandiya International 2018

<sup>12</sup> Sobre os efeitos devastadores do capitalismo, ver especialmente Cedric J. Robinson, **Black Marxism: The Making of the Black Radical Tradition** (1983; University of North Carolina Press, 2000) e Wendy Brown, **In the Ruins of Neoliberalism: The Rise of Antidemocratic Politics in the West** (Columbia University Press, 2019). Para uma visão rápida e popular do capitalismo, veja o documentário Justin Pemberton, *Capital in the 21st Century*, 2019, baseado em Thomas Piketty, **Le Capital au XXIe siècle** (Editions du Seuil, 2013).

<sup>13</sup> Paul Virilio, **The Original Accident** (Polity, 2007), 5.

<sup>14</sup> Proudhon cunha esse slogan em analogia à identificação da escravidão com o assassinato em Pierre-Joseph Proudhon, **What is Property?**, ed. Donald R. Kelley e Bonnie G. Smith (1840; Cambridge University Press, 1994), 13. Mas enquanto Proudhon investiga a propriedade por sua defesa ética e sua gênese material

haverá roubo. Este é o nascimento da *economia libidinal*. “A escassez infecta e sujeite [desejante] com o desejo [de propriedade].”<sup>15</sup> O perigo constante da escassez instiga “uma forma de controle pela incitação, não pela repressão, mas pela perpétua promessa de prazer, isto é, daquilo que é negado pelo processo produtor de lucro”.<sup>16</sup> E assim, **a economia capitalista repousa inerentemente em uma economia libidinal distorcida e essencialmente frustrante.**

Enquanto houver roubo, as pessoas vão querer proteger o que têm, proteger quem são, proteger-se de ter algo que depois podem perder. A manifestação desse desejo é a polícia. Esse desejo se estende muito além da propriedade em sua forma de objeto (sapatos, imóveis, guitarras elétricas, direitos autorais). A cultura ocidental é um estado policial libidinal por design. Alianças de casamento, filósofos, fechaduras e chaves, gerentes, a porta do seu apartamento, editorias, lobistas e sua consciência, todos funcionam como policiais; seu trabalho é impedir a transferência indisciplinada de propriedade de uma pessoa para outra (ou sua liberação total da propriedade). Resumindo: **toda invenção produz seu próprio acidente e todo acidente requer seu próprio remédio.** Nesse caso, a propriedade produz o roubo e o roubo produz a polícia. Agora, sob o capitalismo neoliberal, isso significa que todo acidente dá origem a mais uma mercadoria.

O sucesso da indústria tecnocientífica contemporânea consiste em transformar nossa depressão em Prozac, nossa masculinidade em testosterona, nossa ereção em Viagra, nossa fertilidade/esterilidade em pílula, nossa AIDS em

---

(propriedade como roubo real de terra, por exemplo), nós apenas afirmamos que a propriedade pode e vai dar errado - assim, com a propriedade, o roubo torna-se inevitável.

<sup>15</sup> McKenzie Wark, **A Hacker Manifesto** (Harvard University Press, 2004), §052.

<sup>16</sup> Linda Singer, **Erotic Welfare** (Routledge, 1992), 36.

triterapia, sem saber o que vem primeiro: nossa depressão ou Prozac, Viagra ou uma ereção, testosterona ou masculinidade, a pílula ou maternidade, triterapia ou AIDS.<sup>17</sup>

Enquanto a resposta for uma droga, ainda é capitalismo. Pois é assim que as empresas ganham dinheiro.<sup>18</sup>

Não há incentivo para o capitalismo neoliberal melhorar substancialmente a vida em nível estrutural. E é por isso que dentro dos limites do capitalismo sempre haverá polícia, solidão e ansiedade. Essas estruturas e condições são meios para gerar capital, incentivar gastos, redistribuir o dinheiro dos impostos e gastá-lo – em armas, pesquisa, tecnologia. A miséria compensa. O diabo está no varejo.<sup>19</sup>

**A questão política fundamental é e continua sendo: propriedade, sim ou não?** O neoliberalismo totalitário diz para você escolher a propriedade. Mas assim como o roubo está embutido na lógica da propriedade como seu acidente constitutivo, também está um enxame de misérias armadas que legitimam a infelicidade eterna. Escolha a propriedade, eles dizem. Escolha o ciúme e a ansiedade. Escolha a solidão. Escolha olhar para as coisas de outras pessoas e sentir pena de coisas que você nunca terá. Escolha a sensação eterna de que algo que você nunca teve foi perdido. Escolha roubo, crime, pobreza, exploração e policiais.<sup>20</sup> Escolha desistir e ficar bem com isso. Escolha se contentar com o distintivo miserável das relações sociais que eles

---

<sup>17</sup> Paul B. Preciado, **Testo Junkie**, trans. Bruce Benderson (The Feminist Press, 2013), 34.

<sup>18</sup> Maxine Wolfe em conversa privada com a autora, 2012.

<sup>19</sup> Isso conta para a resistência tanto quanto. “Os dominantes estão esperando que a oposição os pegue e os torne alternativos.” Gayatri Chakravorty Spivak, **Política de Desconstrução: Gayatri Chakravorty Spivak e Oscar Guardiola-Rivera em conversa**, Birbeck, Universidade de Londres, 2016

<sup>20</sup> As possibilidades necessárias de solidão, ciúme, exploração, pobreza e ansiedade podem ser entendidas em analogia com a demonstração sobre roubo acima. Para ansiedade, veja também Jamieson Webster e Luce deLire, **What Do We Even Want From One Another?: Anxiety, Permeation and Identity in the Age of a Slowly Imploding Liberalism**, Public Seminar, 24 de abril de 2018



fazem você chamar de “identidade”.<sup>21</sup> Escolha olhar para trás em sua vida e ver uma trilha de lixo se expandindo entre ganhar, perder e pensar em propriedade. Escolha ser escolhido pela propriedade que você terá - pelo diploma que obteve ou pelos sonhos que nunca teve. Escolha a propriedade. Ou não.

## A INDUSTRIALIZAÇÃO DA AGRICULTURA LIBIDINAL

**O desejo de propriedade privada impulsiona o capitalismo.** Assim, a economia libidinal deve ser o alvo primordial de todo projeto emancipatório. A narrativa ideológica do capitalismo neoliberal postula que todos os indivíduos na sociedade burguesa trabalham seus acres libidinais pessoais como camponeses arando seus campos. A história burguesa é que os indivíduos se relacionam uns com os outros em e por meio de suas formas particulares de desejo – fodemos uns aos outros como queremos, ou pelo menos é assim que deveria ser, supostamente.<sup>22</sup> A liberação do desejo é a história de sucesso do final do século XX. Dessa forma, a *queeridade* (*queerness*) se tornou uma folha de figueira para o imperialismo ocidental.<sup>23</sup> O *mainstream* queer

---

<sup>21</sup> Em “The Apogee of the Commodity”, Anthony Paul Farley investiga a mecânica do racismo antinegro de um ângulo semelhante: “O negro é o apogeu da mercadoria. É o ponto – tanto no tempo quanto no espaço – em que a mercadoria se torna carne”. Anthony Paul Farley, **The Apogee of the Commodity**, DePaul Law Review, no. 53 (2004): 1229. Uma leitura totalitária rosa do racismo antinegro pode aprender muito, especialmente com a noção de Paul Farley de “ambigüidades” inevitáveis (1240) que são interpretadas tendencialmente na direção do sistema hegemônico em vigor (como o capitalismo racial ou “branco sobre preto”, como ele escreve). Para uma posição relacionada, embora provavelmente oposta, veja Frank B. Wilderson III, **Afropessimism** (Liveright, 2020). A imagem de Wilderson repousa na afirmação de que “não há antagonismo como o antagonismo entre os negros e o mundo” e que esse antagonismo é mais fundamental para a política e a opressão do que qualquer outra coisa. É interessante, no entanto, que a lógica da propriedade, e da “pilhagem” em particular, apareça com destaque na construção do afropessimismo. Uma conversa completa entre o afropessimismo e o totaliterianismo rosa certamente está em ordem. Esta conversa terá também de incluir uma leitura aprofundada de Achille Mbembe, **The Critique of Black Reason** (2013; Duke University Press 2017). Mas isso exigirá um texto próprio.

<sup>22</sup> Ver Bini Adamczak, **Theorie der Polysexuellen Ökonomie (Grundrisse)**, *diskus* 6, no. 1 (2006)

<sup>23</sup> Para estudos exemplares dessa constelação, ver Jin Haritaworn, **Queer Lovers and Hateful Others** (University of Chicago Press, 2015) e Jasbir K. Puar, **Terrorist Assemblages: Homonationalism in Queer Times** (Duke University Press, 2007), 114–65. Ver também Luce deLire, **L’Ancien Regime Strikes Back: Response to Paul Preciado**, *e-flux conversations*, January 2018

liberal promove a fantasia da liberdade individual no e através do desejo, da bruxaria ao casamento gay.<sup>24</sup> Isso demonstra, supostamente, a disposição dos sistemas capitalistas liberais de fornecer um pedaço de terra libidinal a cada um de seus cidadãos leais, onde eles podem fornecer um ao outro o cuidado emocional de que precisam, livre de interferência externa, uma forma de casal felizmente mercantilizada.

**A agricultura libidinal funciona como se identidade de gênero, orientação sexual e necessidades psicológicas fossem essencialmente naturais e, portanto, politicamente neutras.** No entanto, a neutralidade do campo libidinal é um mito - os acres foram arados mecanicamente, as fábricas funcionaram por séculos.<sup>25</sup> O desejo manifesta a história e as condições de sua produção.<sup>26</sup> “A heterossexualidade deve ser entendida como uma tecnologia de procriação politicamente assistida.”<sup>27</sup> Quem fodemos, o que queremos e quem queremos ser são resultados de condensações e especializações dos meios de produção da libido, a saber: indústria do sexo, Big Pharma<sup>28</sup>, romantismo mercantilizado<sup>29</sup>, Grindr, tráfico humano, medo da AIDS e outras doenças, etc.<sup>30</sup>

A ordem da agricultura libidinal é a ordem do totalitarismo neoliberal disfarçado. A forma do casal pode parecer um terreno

---

<sup>24</sup> Ver por exemplo Luce deLire, **The New Queer: Aesthetics of the Esoteric Left e Virtual Materialism**, *Public Seminar*, August 19, 2019 →; and Luce deLire, **Queer Feminist Witchcraft**, in *Magic: A Companion*, ed. Katharina Rein (Peter Lang, 2021), forthcoming.

<sup>25</sup> Ver também deLire, **L’Ancien Regime Strikes Back**.

<sup>26</sup> Ver Michel Foucault, **The History of Sexuality, Vol 1: An Introduction** (1976; Vintage 1990); Elsa Dorlin, **La matrice de la race: Généalogie sexuelle et coloniale de la Nation française** (La Découverte, 2009); e Thomas Laqueur, **Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud** (Harvard University Press, 1992).

<sup>27</sup> Preciado, **Testo Junkie**, 47.

<sup>28</sup> Preciado, **Testo Junkie**, 23.

<sup>29</sup> Preciado, **Testo Junkie**, 23.

<sup>30</sup> Singer, **Erotic Welfare**, 35.

de uso individual. Mas na verdade é um local de produção industrial para todo tipo de capital (financeiro, cultural, social, emocional, etc.).<sup>31</sup> Casais compartilham hábitos, práticas, espaços, tempo e bens entre si. Tal “acoplamento” é definido pela exclusão de outros deste mundo compartilhado – de cachorros, carros e filhos de propriedade coletiva<sup>32</sup>, café, séries da Netflix, feriados, bebedeiras, viagens de fim de semana, todos os quais são incidentes de investimento, de gastos, de mercantilização. Eles manifestam um único paradigma: a liberdade negativa como mercantilização dos relacionamentos amorosos. O atrito constante sobre e em torno da responsabilidade, confiança e acesso ao outro (tempo e espaço) são sintomas dessa mercantilização do amor no século XXI.

O totalitarismo neoliberal cuida de sabotar seu relacionamento para colher os benefícios do gim, aconselhamento de casais e corpos de vingança. Esta é a dimensão da exploração: as ansiedades, a falta de tempo um para o outro, a luta da carreira contra o amor, e assim por diante, estão sendo vendidos de volta aos amantes infelizes na forma de babás, terapeutas, medicamentos e vícios. No entanto, o banco sempre ganha. **Pois toda invenção (amor) produz seus próprios acidentes (rompimentos, traição, ansiedade, competição, auto-aversão). E todo acidente requer um remédio (aconselhamento de casais,**

---

<sup>31</sup> Ver Pierre Bourdieu, “The Forms of Capital,” in **Handbook of Theory of Research for the Sociology of Education**, ed. J. E. Richardson, trans. Richard Nice (Greenwood Press, 1986), 46–58; Eva Illouz, *Cold Intimacies: The Making of Emotional Capitalism* (Polity, 2007); e Tiqqun, **Preliminary Materials for a Theory of the Young-Girl**, trans. Ariana Reines (Semiotext(e), 2012).

<sup>32</sup> “Poucas pessoas querem conscientemente que os bebês sejam mercadorias. No entanto, os produtos para bebês são uma parte definitiva do que o trabalho de parto produz hoje.” Sophie Lewis, **Full Surrogacy Now** (Verso, 2019), 15.

**automedicação, corpos de vingança, abuso de substâncias).** Mais uma vez, o diabo está no varejo.<sup>33</sup>

## CUIROCRACIA

Romper com a agricultura libidinal é romper com o totalitarismo neoliberal. Romper com o totalitarismo neoliberal significa dar início ao *Totalitarianismo Rosa*.

A alegação de universalidade, a crença do Iluminismo de que uma determinada totalidade poderia ser controlada, planejada e administrada de cima, é o principal erro metafísico do comunismo soviético. O totalitarianismo rosa – com um “e” ao invés de um “a” – contém o advérbio latim *aliter* (não comparável) que significa: de outro modo, diferentemente, equivocadamente, pobremente, negativamente, mal- (como em *aliter exceptum*, malcompreendido). O totalitarianismo rosa é um outro totalit()rianismo, um totalit()rianismo da *diferença* que evita os erros dominantes do controle e os substitui pelos poderes intensificantes da sedução.<sup>34</sup>

Como? Coletivizando a economia libidinal. “Além de encorajar a tomada de decisão coletiva e a cooperação de trabalho, os bens comuns eram o fundamento material sobre o qual a solidariedade e socialidade camponesas poderiam

---

<sup>33</sup> Observe que a forma de casal neoliberal é incrivelmente adaptável: o poliamor, por exemplo, não é uma solução, mas apenas uma extensão da ideologia burguesa da agricultura libidinal. É o equivalente espacial à monogamia sequencial. Enquanto algumas pessoas aram um campo após o outro, outras têm várias parcerias, a maioria sem interferência, ao mesmo tempo. O modelo pode parecer franqueado (parceiros de jogos, sugar daddies, serviços de acompanhantes) ou protegido por responsabilidade limitada (amigos com benefícios, casos e casos). Mas, enquanto forem fundados na ideia de exclusão e liberdade negativa, serão apenas extensões da mercantilização geral da vida cotidiana. Nesse sentido, o poliamor é o neoliberalismo *pinkwashing*.

<sup>34</sup> Para saber mais sobre a metafísica do totalitarianismo rosa, ver **From the Lecture Notes of Comrade Josephine**, 2018; e Luce deLire, **Pink Totalitarianism** (palestra apresentada em “Libidinal Economies of Crisis Times,” Acad Macht Neu, Berlin, September 27, 2019).

florescer”.<sup>35</sup> Já que as camponesas medievais tinham que administrar sua terra compartilhada juntas, elas tiveram que desenvolver práticas sociais de acordo com isso como a solidariedade, o apoio mútuo e a tomada de decisão coletiva. A instituição da propriedade privada inibe o desenvolvimento de práticas sociais e as substitui pela ganância, ansiedade e uma incapacidade de se solidarizar, tudo isso sendo maneiras de proteger a propriedade que deram errado. Consequentemente, para abolir a propriedade, precisamos formar uma nova base material para uma transformação fundamental do desejo humano. Em outras palavras: a economia libidinal precede a economia dos bens. Para abolir a propriedade, precisamos coletivizar as forças libidinais que substanciam a sociedade como a conhecemos. O totaliterianismo rosa é essa coletivização – uma redistribuição em larga escala de capital libidinal, de capacidade de dar prazer, de receber prazer, de seduzir e tomar parte na *jouissance* de modo geral.

O totaliterianismo rosa tem como objetivo a *Cuirocracia* – a melhora sistemática da posição da *classe cuir*.<sup>36</sup>

**O que é a classe cuir?** - A classe cuir é a expressão momentânea da circulação maximizada de libido em si - *libido rosa*. Podemos ver uma expressão paradigmática da libido rosa no

---

<sup>35</sup> Silvia Federici, **Caliban and The Witch: The Body and Primitive Accumulation**, (Autonomedia, 2004), 80. Para o contexto do Totaliterianismo Rosa, estamos interessades na dimensão material coletiva desta citação, não na fantasia de um saudável “comum” que de alguma forma nos cura magicamente do capitalismo. Rejeitamos essa fantasia como romantismo. Para uma visão mais contemporânea dos “comuns”, no entanto, veja a camarada Wark: “Sem uma informação comum, todas as classes se tornam cativas da privatização vetorialista da educação. Esse é um interesse que o hacker compartilha com fazendeiros e trabalhadores, que exigem educação pública”. Wark, Manifesto Hacker, §198. Ver também Ziauddin Sardar, **alt.civilizations.faq: Cyberspace as the darker side of the West**, Futures 27, no. 7 (setembro de 1995): 777–94

<sup>36</sup> O termo “Queerocracia” é emprestado do grupo Queerocracia baseado em Nova York. Não há filiação entre es autores e o grupo, embora admiremos seu ativismo. Recomendamos que você os apoie, financeiramente ou de outra forma. Para saber mais sobre o grupo, consulte <https://queerocracypodcast.weebly.com/>

*desejo de transicionar*. É o desejo de sair, de mudar algo fundamentalmente por e através da corpa. Toda transição é uma intervenção material nas condições do arranjo social, assim como do campo político ao seu redor. Cada transição exige que **o ambiente social da pessoa que transiciona também co-transicione-se**.

Amigues, colegas de trabalho, familiares, inimigues etc., são desafiadas a reagir à constante transição, seja uma namorada questionando sua sexualidade, uma amiga refletindo sobre sua própria identidade de gênero, uma inimiga descobrindo algo em comum e assim por diante.<sup>37</sup> E desse modo, transicionar necessariamente coletiviza o desejo *para fora*. Transicionar significa que o seu desejo se expande para o mundo. Se você transiciona, todos ao seu redor têm que transicionar também.

Mas, simultaneamente, transicionar também coletiviza o desejo *para dentro*. Como a camarada Chu explica:

Eu duvido que alguma de nós transicione **apenas** para “ser” mulher em algum sentido abstrato acadêmico. Eu certamente não o fiz. Eu transicionei pela fofoca e elogios, pelo batom e rímel, para chorar no cinema, para ser a namorada de alguém, para deixá-lo pagar a conta ou carregar minha bolsa, para o chauvinismo benevolente dos caixas de banco e dos caras da TV a cabo, para a intimidade telefônica

---

<sup>37</sup> Considere a esse respeito: “Todos os retornos ao {normal} após uma {transição} devem ser combatidos porque {o antigo normal} ... objetivamente {acabou} e, portanto, o 'retorno' seria a uma {normalidade falsa}, caracterizado pela redução ao exotérico e falta de sutileza. Dessa perspectiva, invocar a {normalidade} como o domínio do genuíno é irrisório, pois em muitos casos a {normalidade} em um ponto ou outro passou por uma {transição}.” Jalal Toufic, **The Withdrawal of Tradition Past a Surpassing Disaster** (auto-publicação, 2009), 29. “{Temos que enfrentar} três tarefas ... relativas a uma {transição}: 1) revelar a retirada da {normalidade} e, portanto, que uma {transição} aconteceu {ou está acontecendo} ... ; 2) ressuscitar o que foi retirado pela {transição em uma constelação diferente, juntar os elementos da situação pré-transição de volta em uma nova constelação}, que é a tarefa atribuída ao(s) protagonista(s)...; 3) e, em alguns períodos sinistros, implicar sintomaticamente ... que uma {transição} está sendo preparada ... funcionando assim como um ... apelo implícito para uma intervenção ponderada por parte da minoria de contemporâneos para {permitir} que a {transição} iminente aconteça”. Toufic, **Withdrawal of Culture**, 22

da amizade feminina de longa distância, para ajeitar a minha maquiagem no banheiro flanqueada como Cristo por um pecado em cada lado, pelos brinquedos sexuais, para me sentir gostosa, para ser cortejada por caminhoneiras, por aquele conhecimento secreto que só sapatões têm, pelas Margaridas, tops de biquini, todos aqueles vestidos, e, nossa, pelos seios. Mas, agora, você começa a ver o problema com o desejo: nós raramente queremos o que *devemos* querer.<sup>38</sup>

Nós transicionamos com os vestidos das nossas melhores amigas e com as doações das coleções de maquiagem de outras amigas. Queremos ser a Courtney Love, a Janet Moss, a Beyoncé e a Avital Ronell. Falhamos nisso. No entanto, essa falha em se tornar a Courtney e se transformar na nossa melhor amiga (apesar de vestirmos todas as roupas dela) é **constitutiva de quem nós iremos nos transformar**: uma mistura de amigas, ídolos, objetos libidinais e estratégias de evitação (quem quer ser como o pai?). Nós permitimos que nossos desejos sejam infiltrados, coletivizados, tomados materialmente por incalculáveis forças internas.

Todos os dias, eu tento cortar um dos fios que me prende ao programa cultural de feminização sob o qual eu cresci, mas a feminilidade gruda em mim como uma mão oleosa...Esperando que minha barba cresça, esperando que eu possa barbeá-la, esperando que uma rola cresça entre as minhas pernas, esperando que as garotas olhem para mim como se eu fosse um homem, esperando que homens falem comigo como se eu fosse um deles, esperando que eu possa satisfazer todos os meus docinhos, esperando por poder, esperando por reconhecimento, esperando por prazer, esperando...<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> Andrea Long Chu, *On Liking Women*, *n+1*, no. 30 (Winter 2018)

<sup>39</sup> Preciado, *Testo Junkie*, 137.

O nosso desejo não para no querer outra corpa, no querer flertar como uma vadia e chorar como uma criança, querer entender as paisagens emocionais de outras pessoas e querer tornar erógena toda minha corpa. Nós realmente **aprendemos** a chorar, a entender emoções, a ter todas os orgasmos corporais. “Minha corpa é a mensagem, minha mente é a garrafa. Explodindo.”<sup>40</sup>

A libido lidera o caminho, o desejo só a segue. O desejo nos emoldura como uma colagem de pessoas, traços de personalidade, personagens de filmes e citações que pegamos em conversas de bar. Assim, transiconar coletiviza o desejo, tanto para fora quanto para dentro. Isso força uma permeação libidinal radical. Esse aspecto coletivizante da transição é a semente para um outro mundo, um contra-paradigma à governança da propriedade privada sobre todas as relações sociais. De certo modo, **transicionar é um ato terrorista para a liberação da classe cuir.**

Contudo, assim como toda outra ameaça real ao poder real, o neoliberalismo sabe: a única coisa a se fazer é mercantilizá-la no esquecimento identitário submisso. E, assim, alguns irão dizer que a sua transição foi sobre elus mesmas e apenas elus.<sup>41</sup> Mas o desejo de transicionar não se refere ao indivíduo comodificado habitando um mundo mal-ordenado, pedindo por direitos, ganhando contracheques, pagando boquetes. Na verdade, o desejo é independente do seu resultado, é independente da pessoa que deseja e da pessoa que você se torna. “Você não

---

<sup>40</sup> Preciado, *Testo Junkie*, 137.

<sup>41</sup> Para um relato sistemático de um “modelo de aspiração pessoal” baseado em escolhas de transição, consulte Christine Overall, *Sex/Gender Transitions and Life Changing Aspirations*, em *You’ve Changed: Sex Reassignment and Personal Identity*, ed. Laurie J. Shrage (Oxford University Press, 2009).



deseja algo porque deseja-lo levará a consegui-lo (não levará). Você o deseja porque o deseja.”<sup>42</sup>O desejo é independente de seu hospedeiro. É uma força material em si e para si mesma já sempre coletiva. Apesar de possivelmente **retroativamente individualizado**, o desejo de transicionar, de mudar a ordem libidinal materialmente, *particularmente através do corpo*, exemplifica a libido rosa.<sup>43</sup>

A libido rosa pode estar presente como um projeto ativo ou como uma fantasia negada. Ela é trans-individual, não restrita a nenhum grupo de pessoas. Ela se espalha como herpes, como a ideia de desertar, como uma piada ruim. Ela é a fúria trans palpável - *MORRA ESCÓRIA CIS!* - em frustração cuir<sup>44</sup>, na levemente falada sedução da razão e em outros lugares.<sup>45</sup> Ela não é movida por ideias ou fantasias, mas pelos esforços imediatos de **sair**, de escapar, de reorganizar a sua esfera social pelo e por meio da sua própria transformação. A extremidade dessa transice

---

<sup>42</sup>Chu, **On Linking Women**. No fundo, esta é uma expressão da virtualidade do desejo, que Deleuze exemplifica em uma “criança que começa a andar... Ninguém jamais andou endogenamente. Por um lado, a criança vai além das excitações vinculadas à suposição ou à intencionalidade de um objeto, como a mãe, como meta de um esforço, fim a ser ativamente alcançado “na realidade” e em relação ao qual o sucesso e a falha pode ser medida. Mas, por outro lado e ao mesmo tempo, a criança constrói para si um outro objeto, um objeto de tipo bem diferente, que é um objeto ou centro virtual e que então rege e compensa os progressos e fracassos de sua atividade real: ela põe vários dedos na boca, envolve o outro braço em torno desse centro virtual e avalia toda a situação do ponto de vista dessa mãe virtual... A mãe real é contemplada apenas para fornecer uma meta para a atividade e um critério qual avaliar a atividade, no contexto de uma síntese ativa”. Deleuze, **Difference and Repetition**, 99.

<sup>43</sup> Para uma perspectiva oposta, compare Gayle Salamon, **Assuming a Body: Transgender and the Rhetorics of Materiality** (Columbia University Press, 2010).

<sup>44</sup> Susan Stryker, **My Words to Victor Frankenstein Above the Village of Chamounix: Performing Transgender Rage**, GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies 1, no. 3 (1994): 237–54; e Hilary Malatino, **Tough Breaks: Trans Rage and the Cultivation of Resilience**, Hypatia 34, no. 1 (inverno 2019). Para uma perspectiva crítica sobre a raiva de uma perspectiva trans negra, veja Kortney Ryan Ziegler, **Uses of Black Trans Male Anger**, HuffPost, 12 de abril de 2013

<sup>45</sup> J. A. Micheline dá um exemplo particularmente poderoso: “Em uma tentativa de sobreviver, antes que eu soubesse que tinha feito isso, tornei-me o que eles pediram de mim. Tornei-me de fala mansa; Eu me comprometi com a razão... E estou tão satisfeito por ser o monstro que eles criaram... Minha retórica afiada apenas destaca a suavidade de sua fundação. Minha paciência apenas lhes fornece corda - corda com a qual eles inevitavelmente se enforcam. J. A. Micheline, **Ritualizing My Humanity**, em *Becoming Dangerous*, ed. Katie West e Jasmine Elliot (Weiser Books, 2019), 209.

(*transness*) trans-individual, não a pessoa trans individual, é a expressão da libido rosa. A libido rosa é constitutivamente interminada, incompleta, indecível, arrebatada numa eterna defesa atacante, frágil, um núcleo instável radiando força desintegradora, constantemente quebrando-se e recompondo-se em outros lugares.<sup>46</sup>

## GUERRA LIBIDINAL DE CLASSES

A vasta maioria da classe cuir **produz libido sem se beneficiar disso**. Como podemos liberar a classe cuir de sua servidão libidinal? Nós coletivizamos a economia libidinal. Como coletivizar a economia libidinal? Nós tomamos o ato de transicionar como o nosso modelo. **Nós maximizamos a coletivização interna e externa do desejo manifesto nesse processo**. Qual é o principal obstáculo para a coletivização do desejo? **A existência da POLÍCIA que é um sintoma da lógica disfuncional da propriedade**. A polícia e suas inflexões (como o casamento, cadeados e chaves, lobistas,

---

<sup>46</sup> Mais uma vez, a diferença entre o Totalitarismo Rosa e a oposição de esquerda é sutil, mas crucial. A camarada Wark capta um pensamento semelhante da seguinte forma: “Para o hacker há sempre um excedente de possibilidade expresso no que é real, o excedente do virtual. Este é o domínio inesgotável do que é real, mas não atual, do que não é, mas pode vir a ser... expressar a diferença do real” (Wark, *Hacker Manifesto*, §074). Aqui, parece que “o virtual”, assim como a versão classicamente marxista da natureza, era em si um objeto passivo para a crescente intervenção de atores humanos (que retoma séculos de identificação da virtualidade, mera possibilidade, e natureza como matéria para um intelecto formador). Simultaneamente, o “virtual” da camarada Wark tem relevância apenas em relação ao “o que é real” – é “o que não é, mas que pode vir a ser” (Wark, *Hacker Manifesto*, §074). O que se articula em seu texto é uma inerente “metafísica da presença como o desejo exigente, poderoso, sistemático e irreprimível” do significado transcendental (Jacques Derrida, *Of Grammatology*, trad. Gayatri Chakravorty Spivak, Johns Hopkins University Press, 1974, 49). . Nesse caso, o significado transcendental é o “domínio inesgotável do que é real” (Wark, *Hacker Manifesto*, §074) e pronto para ser hackeado (será um acidente que “hackear” originalmente se refere à expropriação violenta de recursos do mundo material?). O virtual, a possibilidade excedente na imagem da camarada Wark, está subordinado à realidade. Não tem vida própria, nenhuma agência não-humana. Resta mostrar onde ela manifesta sua ação factual contra a corrente no texto da camarada Wark, mas essas sutilezas cruciais requerem uma investigação separada. Basta dizer que, para os Totalitaristas Rosa, esse “estranho movimento do rastro” é simultaneamente o estranho movimento de um desejo originário que se faz sentir. É por isso que um Totalitarista Rosa deve, em última análise, almejar uma teoria da sedução mais do que uma teoria da produção (ver Jean Baudrillard, *Forget Foucault*, 1977, Semiotext(e), 2007, 37-38).

fronteiras nacionais etc.) são os principais obstáculos para a **Cuirocracia**.

Há, no entanto, uma classe de pessoas que acredita que a polícia não é problema delas, uma classe de pessoas que acredita que a polícia está as protegendo. Elas pensam isso porque elas detêm propriedade que elas sabem que seria distribuída para a classe cuir se as normas sociais, a exploração e o aparato estatal não impedissem. Elas se beneficiam da transformação do capital libidinal (prazer, sedução, *jouissance*) em capital financeiro (dinheiro).<sup>47</sup> Elas compartimentalizam o desejo para a mudança radical em mercadorias, atenção, submissão, sexo. Elas o consomem financeiramente (ao vendê-lo de volta para a classe cuir por dinheiro) ou libidinalmente (ao usá-lo para a sua gratificação narcisista). Eles são os beneficiários da polícia. Para facilitar a leitura, vamos abreviá-los como PEMP “a Polícia não É Meu Problema” e a classe daqueles que se beneficiam da proteção policial como a classe PEMP.<sup>48</sup> A classe PEMP acumula capital libidinal, goza dele para si mesma e o transforma em capital financeiro. A classe PEMP sobrevive da exploração da classe cuir.

---

<sup>47</sup> A camarada Wark apresentou uma poderosa análise de um desenvolvimento paralelo no que ela chama de “classe vetorialista” e “classe hacker” (Wark, **Hacker Manifesto**, §021). No entanto, apesar de sua análise marcante dos mecanismos de extração, apropriação e acumulação, a noção de libido está estranhamente ausente de sua abordagem. Isso não é um acidente. A omissão do poder da economia libidinal foi uma das principais deficiências da acumulação socialista original nos estados comunistas e a maneira pela qual as teorias socialistas entenderam o conflito de classes e o funcionamento do capitalismo em geral. Para o capitalismo neoliberal não é necessária uma análise particular da economia libidinal, pois a produção da escassez trabalha a seu favor. A sobrevivência e o trauma motivam o consumo capitalista. “O comunismo era uma ideia, um palácio dos sonhos cuja atração derivava de sua aparente fusão de ciência e utopia” (Kotkin, Stalin, 6). O que permanece em aberto na proposta da camarada Wark é simplesmente isto: Por que fazer alguma coisa? Qual é a força motivacional por trás da resistência? É a omissão típica do idealista, da oposição de esquerda (para outro exemplo poderoso, ver Rose Buttress, **A New Social Contract**, Mask: The Rant Issue, 2017). Mas se você não pode dizer nada sobre as forças causais que impulsionam a ação concreta, sua proposta política permanecerá inexpressiva. Resumindo: enquanto a proposta da camarada Wark é inerentemente marxista, o Totaliterianismo Rosa é inerentemente spinozista.

<sup>48</sup> No original é “The Police Is Not My Problem” (P.I.M.P), optamos por adaptar a sigla conforme a tradução da expressão para o português (N.T.).

Casades, casais cis-heterossexuais, produtores musicais, supermodelos, ídolos sociais, pais, professorias e filósofos são todos parte da classe PEMP. Eles obstaculizam o caminho para a coletivização do desejo.

O “PEMPeamento” deve ser combatido de todos os jeitos na guerra libidinal de classes que não toma nenhum prisioneiro. Contudo, não se enganem: es PEMPes estão constitutivamente equivocades acerca da sua relação com a polícia. **A polícia É um problema deles!** PEMPes alimentam a própria miséria (como apontado acima). Assim como a classe cuir pode ser instanciada momentaneamente e pode se dar em graus, o mesmo acontece com a classe PEMP. Essa classe é uma **função**, não uma **personalidade**. A mesma pessoa pode ser membra de ambas as classes e oscilar entre elas, parcialmente protegendo o capital libidinal e *simultaneamente* **desejando a mudança radical**. A erradicação da classe PEMP é, portanto, não uma questão de apontar para certos indivíduos, mas de **maximizar libido rosa!**, de **acelerar a circulação de desejo**, de **produzir *mais* desejo e distribuí-lo livremente**, de **atrair e des-pempear a classe PEMP**.

Apenas uma mudança nas condições materiais pode produzir diferentes modos de pensar e práticas sociais. Devemos atacar a classe PEMP na sua base material. As condições materiais imediatas da economia libidinal são a corpa, as relações sociais e os sítios industriais.<sup>49</sup> Comentaremos sobre cada uma dessas condições.<sup>50</sup>

---

<sup>49</sup> Para mais sobre isso, ver **Post-#metoo: My, Your, Our Pink Totalitarianism**, *e-flux lectures*, May 11, 2018

<sup>50</sup> Para mais sobre isso, ver **From the Lecture Notes of Comrade Josephine**

**1) A CORPA:** “a corpa humana, e não o motor a vapor... foi a **primeira máquina desenvolvida pelo capitalismo.**”<sup>51</sup>

No início da idade moderna europeia, a corpa passou a ser entendida como uma máquina, como um meio para um fim, como um local primário de exploração subjugado por uma mente descorporificada.<sup>52</sup> A corpa ainda funciona como uma máquina para a produção de mais-valia libidinal, mas de modo mais complicado.<sup>53</sup> Contudo, a corpa é o local primário de intervenção do **Totalitarianismo Rosa**. Sugerimos duas estratégias gerais: manipulação hormonal e desnaturalização do sexo.

A maneira mais fácil de intervir diretamente nas condições materiais das relações generificadas da sociedade é **envenenar as águas com bloqueadores de testosterona.**<sup>54</sup> Isso não requer procedimentos longos de intervenção médica (cirurgias e manipulação genética) ou de reeducação (crítica da ideologia, empoderamento e treinamento implícito de vieses cognitivos). Essa sugestão pode parecer extrema, mas note que o século XX viu a maior reprogramação hormonal que a humanidade já experienciou, isto é, o surgimento da pílula contraceptiva sob os auspícios do capitalismo e os vários efeitos que ela teve sobre as relações generificadas – em relação à sexualidade, à materialidade das corpos, à distribuição de gordura corporal, psicologia etc.<sup>55</sup> Aprender com o capitalismo é aprender como vencer. Bloquear a testosterona combaterá um grande subconjunto da classe PEMP: as masculinidades patriarcais. Ao mudar a configuração hormonal

---

<sup>51</sup> Anonymous, **Against the Gendered Nightmare: Fragments On Domestication**, *Bædan*, no. 2 (2014): 87

<sup>52</sup> Federici, **Caliban and the Witch**, 183.

<sup>53</sup> Ver Preciado, **Testo Junkie**, and Illouz, *Cold Intimacies*.

<sup>54</sup> Para um cenário fictício relacionado, ver Torrey Peters, **Infect Your Friends and Loved Ones** (autopublicação, 2016).

<sup>55</sup> Preciado, **Testo Junkie**, 31.

das massas, **facilitaremos a reorientação de seus desejos, permitindo que eles se abstenham de ideais patriarcais como rolas duras e músculos fortes,**<sup>56</sup> inspirando, assim, a coletivização do desejo como delineada acima. Não é o objetivo final e nem uma bala dourada. **É a dádiva do reajuste.**<sup>57</sup>

Além de mudar a composição da corpa, podemos também mudar **o uso da corpa**. Um grande obstáculo para a coletivização do desejo é **a distribuição desigual de partes corporais e as suas atrações desigualmente distribuídas para várias pessoas**. Camarada Preciado sugere substituir todos os órgãos particulares por uma combinação generalizada de vibradores e sexo anal.<sup>58</sup> Isso nivelará o campo e permitirá o desenvolvimento de novas formas de interações libidinais. Como Preciado aponta, deveríamos ver a máquina vibrador-ânus como um dispositivo estrutural com aplicações versáteis – ela pode se manifestar como uma máquina mão-boca, como uma máquina trans-genital. Ela deve, contudo, **diversificar o imaginário coletivo libidinal e, assim, dissipar os desejos da máquina pênis-vagina, que deve, no entanto, permanecer formalmente permitida para que não seja gerado desejo por ela através da escassez.**

As pessoas tendem a se apegar às práticas estabelecidas. Aqui, podemos aprender com nossas camaradas:

Quando demos tratores aos camponeses, estragaram-se todos em poucos meses. Somente Fazendas Coletivas com oficinas poderiam manusear os tratores. Tivemos o maior trabalho para explicá-lo aos camponeses. Não adiantava

---

<sup>56</sup> Mira Bellwether, *Fucking Trans Women*, vol. 1 (CreateSpace Independent Publishing Platform, 2013).

<sup>57</sup> Acreditamos que es terroristas de gênero devem envolver homens trans em suas ações para garantir que todas as precauções necessárias para sua proteção sejam atendidas.

<sup>58</sup> Paul B. Preciado, *Countersexual Manifesto*, trans. Kevin Gerry Dunn (2000; Columbia University Press, 2018), 57.

discutir com eles. Depois que você disse tudo o que pode a um camponês, ele diz que deve ir para casa e consultar sua esposa, e deve consultar seu pastor ... Depois de conversar com eles, ele sempre responde que não quer a Fazenda Coletiva e ele preferiria ficar sem tratores.<sup>59</sup>

Conseqüentemente, o uso da maquinária e suas correspondentes práticas **devem ser estimuladas por todos os meios. Convença, corrompa, persuada, seduza, envergonhe, ridicularize e questione os seus amantes cis-heterossexuais. Lidere pelo exemplo, use propaganda, desencorage o sexo genital cis-hetero sempre que possível. Forme forças-tarefa; \*convença dando prazer, alimente a curiosidade, amplie o desejo, SEDUZA.** Mas não se fira. Gere crises (como a intervenção hormonal), e tome vantagem disso. **Desnaturalize todos os encontros libidinais.**

**ELIMINE A HETEROSSEXUALIDADE. DE QUALQUER MODO QUE SEJA NECESSÁRIO.**

**2) RELAÇÕES SOCIAIS:** Como apontamos acima, a forma-casal é um dos principais inimigos do Totaliterianismo Rosa. Feministas italianas da década de 70 sugeriram uma greve geral de reprodução – todas as “donas de casa” parariam de trabalhar, a sociedade colapsaria rapidamente.<sup>60</sup> Camarada Preciado sugere uma **greve geral contra a forma-casal: o término total (das relações cis-heterossexuais).**<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> Winston Churchill citando Stalin de uma conversa privada que tiveram em Moscou durante a visita de Churchill lá em 1943. Winston Churchill, **The Second World War – Volume 3: The Grand Alliance** (Houghton Mifflin Company, 1950), 448.

<sup>60</sup> Para contextualizar, ver Nicole Cox e Silvia Federici, **Counter-Planning from the Kitchen: Wages for Housework, a Perspective on Capital and the Left** (New York Wages for Housework Committee and Falling Wall Press, 1975).

<sup>61</sup> Paul B. Preciado, **La statistique, plus forte que l’amour**, *Libération*, August 1, 2014

Até que o término total seja organizado, devemos *sabotar a forma-casal* com táticas de guerrilha. Essa sabotagem não deve ocorrer de maneira muito óbvia, porque ela deve facilitar *novas relações sociais menos mercantilizadas*. A confiança deve ser estabelecida ao mesmo tempo que a sabotagem estiver sendo feita. Suspender o apoio às relações cis-heterossexuais mercantilizadas geralmente pode ser o suficiente para fazer toda a constelação delas colapsar.<sup>62</sup> Se todes *pararem de aconselhar (especialmente) casais brancos cis-heterossexuais, a base material para a continuação de relações sociais disfuncionais evapora*. E assim, também, evapora um dos pilares da classe PEMP.

A sabotagem deve ser primeiro direcionada contra os milionários PEMPS: casais de classe alta e classe média alta brancos cis-heterossexuais e suas cópias socioculturais auto-instanciadas. Quanto maior distância os casais cis-heterossexuais tiverem entre si na rede interseccional, mais devemos apoiá-los.<sup>63</sup> Pois a **cuicrocracia** é a melhora sistemática da posição da classe cuir. Sem isso, cuires cuspirão na sua Cuirocracia.<sup>64</sup>

3) *AS FÁBRICAS*: Tome a produção dos locais de capital libidinal - *Hollywood*, redes sociais, exército, etc. Entremos em todas as posições que os “esquerdistas” moderados não querem fazer. T.I, o judiciário, concorra a uma eleição. Faça agora. Não faça só. Juntem-se. Faça o possível para estar no caminho de posições de liderança. Há rebanhos de almas perdidas reunindo-se em direção ao exército, partidos conservadores, empresas de *Big Tech*. Não

---

<sup>62</sup> Para mais sobre isso, ver Luce deLire, **Pink Totalitarianism**.

<sup>63</sup> Para mais sobre isso, ver **From the Lecture Notes of Comrade Josephine**

<sup>64</sup> Observe, no entanto, que a mera demolição abstrata da forma de casal nos leva à nevasca social que leva as pessoas à forma de casal em primeiro lugar. O *desacoplamento* não é um fim em si mesmo. É um precursor para *outras* relações sociais. É por isso que “desacoplar” não é “romper”. Este último singulariza os participantes. “Desacoplamento” é *uma transição coletiva* para uma forma social além dos dois.



podemos permitir que **fascistas., capitalistas e a contrarrevolução burguesa capturem-nos em eterna exploração.** Seja pela força ou pela finança, devemos transformá-los em guerreiros cuires, prontos para insurgir para uma revolução rosa;

De igual maneira, a produção de hormônios não pode mais manter-se nas mãos de pessoas cis-heterossexuais brancas guiadas pela lógica do mercado. Encontre quem elas são, onde elas estão. **Corrompa, persuada, seduza. Exproprie, compre, roube ou destrua as fábricas. Descubra quem trabalha nelas, quais são suas preocupações, corteje-es, traga-es para o nosso lado – elas são es revolucionárias rosas de amanhã. Explore fricções existentes, exacerba conflitos existentes. Infiltre-se nas fábricas, ocupe-as, feche-as e arruíne-as financeiramente. Compre-as quando estiverem baratas. Faça a pesquisa: quais são os meios para mudar a distribuição abrangente de hormônios sobre grandes porções da população indefinidamente? Qual é um escopo relevante no qual se pensar? Você entendeu a trajetória – pode partir daqui.**

## **UM EXÉRCITO DE BIXAS**

O totaliterianismo rosa é uma força sentida pelas massas, temida pelos PEMP's e resistida pelas instituições. Um outro mundo está se formando.<sup>65</sup> Nós vimos como o capitalismo instiga a lógica da miséria, como a forma-casal o instila em nossos corações e como a coletivização pode nos liberar da servidão libidinal. Vimos como a transição pode funcionar como um paradigma para um novo mundo. Vimos como os bloqueadores de

---

<sup>65</sup> McKenzie Wark, *Capital is Dead: Is This Something Worse?* (Verso, 2019)

testosterona, brinquedos sexuais e táticas de ocupação dos locais de produção de desejo são meios para a liberação da classe cuir.

Será necessário, no entanto, um exército de bixas para trazer a alvorada da Cuirocracia. **A história não move a si mesma.** É nosso trabalho nos organizarmos e polarizar, coletivizar e mesmerizar.

*“A revolução [rosa] é o poder social [ puissance ] da diferença, ... a fúria própria da ideia social mesma.”<sup>66</sup>*

Eu, Camarada Josefina, sou a fantasia materializada de um outro mundo, um mundo em transição, materialmente e coletivamente, agora. Eu não estou falando *para* você. Eu estou falando dentro de você. O que quer que você tenha sentido, imaginado, temido enquanto lia isso - *isso foi/é a sua libido rosa*. A minha voz é a sua voz, meus pensamentos são os seus. Eu sou apenas uma tela de projeção de seus próprios desejos suprimidos. Este texto é um sentimento amplificado já vivo dentro de você. Você sabe disso. Você já sabia disso o tempo todo – o tempo todo em que lia este texto, a todo momento em que você lutava em meio ao que fizeram-você-chamar-de-“vida”.

***Você já é uma totaliteriane rosa.***

Agora que você identificou o sentimento, o que resta é treinar o músculo; deixe que cresça e coloque tudo em prática.

Deixe que a libido rosa replique-se, diferencie-se e seduza.

***Você é a revolução.***

---

<sup>66</sup> “É neste sentido que a revolução (rosa) é o poder social da diferença, ... a cólera própria da Ideia social.” Gilles Deleuze, **Difference and Repetition** (Presses Universitaires de France, 2015), 268.



Foto da autora Luce deLire, por Indigo Null - @indigo\_null

**O que é a classe cuir? - A classe cuir é a expressão momentânea da circulação maximizada de libido em si - libido rosa. Podemos ver uma expressão paradigmática da libido rosa no desejo de transicionar. É o desejo de sair, de mudar algo fundamentalmente por e através da corpa. Toda transição é uma intervenção material nas condições do arranjo social, assim como do campo político ao seu redor. Cada transição exige que o ambiente social da pessoa que transiciona também co-transicione-se.**



COLETIVA AUTONOMIA E  
TRANS/VERSALIDADE



Quilombo Invisível